

## O Tempo da Filosofia e Albert Foreman

Conhecemos a excelente “síntese possível” que Edgar Morin fez sobre o ser humano; “Sapiens”, mas também “Demens”. Cabe-nos perguntar, como há tanto faz a Filosofia, para quê?

Parece estranho o título “O Tempo da Filosofia”. É cada vez mais disso que se trata. Diz-se que um dia um senhor se abeirou de um índio, na praia, à sombra.

Perguntou-lhe: Que fazes? Descanso, respondeu o índio. O senhor começou então a contar-lhe aquela estória que nos contam a todos, desde pequeninos. Em vez de pescar só para si (porque era o que o índio fazia), comece a pescar mais, compre mais pirogas, contrate outros índios, com o produto das vendas acabará por comprar traineiras, fazer pesca de arrasto em alto mar, uma rede de frio... E depois?, ia perguntando o índio... Depois, disse o senhor, quando estiver velho, poderá descansar à vontade! O índio voltou-se para o senhor e disse: mas isso é o que faço já agora!

Conhecemos a excelente “síntese possível” que Edgar Morin fez sobre o ser humano; Sapiens, mas também Demens. Cabe-nos perguntar, como há tanto faz a Filosofia, para quê? Para que produzimos cada vez mais, poluindo cada vez mais, inquinando o planeta, que é a nossa única casa, de forma irreversível? O que lucrou o Japão com a central de Fukushima? Por que razão terá o governo japonês ignorado avisos sobre os perigos das suas centrais, mandando tornar esses avisos secretos? Por que razão, agora que Fukushima acabou de se verificar, nos falamos tanto em Chernobyl? Por que não nos dizem antes o que deveriam ter os “responsáveis” aprendido com Chernobyl? Vi num canal televisivo, o que o movimento Zeitgeist denuncia, na “internet 2”. Gente supostamente importante bebia o sangue de um bovino espetado com um pico no pescoço e sangrado, no meio de uma tribo. Isto parece impossível, e se mo tivessem dito ainda há poucos anos, não acreditaria. Por que razão há tanta televisão, que “educa” desta(s) maneira(s) o seu imenso público? Atacam-se os professores? Porquê? Quem é o responsável pela estupidificação das massas? Seguramente não são os muitos docentes, que, mundo fora, na maioria, dão o seu melhor para propagar o conhecimento científico, em vez do conhecimento de senso comum, ou – o que ainda é pior – do pensamento mitológico.

E o Sr. Foreman? William Somerset Maugham contou a sua história. Vale a pena ler. Albert Edward Foreman, durante dezasseis anos, desempenhou funções de sacristão na igreja de St. Peter, em Neville Square, templo preferido pelas famílias de alta sociedade. Foi despedido por um padre novo, que detestou que ele fosse analfabeto. O sacristão era abstémio de álcool e fumo, com certa reserva, pois gostava de um copo de cerveja ao jantar e, quando cansado, fumava com prazer um cigarro. Quando deixou a igreja pensando no cigarro que fumaria antes de ir para casa, percorreu uma longa rua de Londres e, para sua surpresa, não encontrou uma só tabacaria. É interessante. Não é possível que seja eu a única pessoa que passa por esta rua e sinta vontade de fumar... Veio-lhe a ideia: com o que poupara, abriria uma pequena tabacaria. Tabacaria e doces, naturalmente. A sua mulher foi contra, mas o sacristão Albert Edward Foreman, como bom empreendedor, não se deixou intimidar e respondeu que era preciso acompanhar as mudanças do tempo.

Fundou, assim, o seu primeiro negócio. Um ano depois, tal o sucesso do empreendimento, abriu uma filial. Revelou-se excelente administrador e, no fim de uma década, havia já dez tabacarias Foreman espalhadas por Londres. Um dia foi ao seu banco [naquele tempo os bancos ainda não ficavam com o dinheiro dos depositantes] e o gerente propôs que ele aplicasse o seu imenso dinheiro de forma mais rentável. Mas, respondeu ele, perante os papéis: não sei assinar! O gerente ficou espantado, e perguntou: Onde teria o senhor chegado, se soubesse ler?! Albert Foreman respondeu: Seria sacristão da igreja de St. Peter, em Neville Square!

Perguntemos sempre para quê, quando nos mandarem fazer algo.

Carlos Mota